

FORMAÇÃO INTEGRAL
por uma cultura do cuidado

Coleção **MINISTÉRIOS**

- *Formação: desafios morais*, VV.AA.
- *Igreja e escândalos sexuais: por uma nova cultura formativa*, VV.AA.
- *Formação: desafios morais 2*, VV.AA.
- *Teologia da prevenção: por um caminho de humanização*, VV.AA.
- *Direitos humanos e Doutrina Social da Igreja: da globalização da indiferença à globalização da solidariedade*, VV.AA.
- *Ética teológica e pandemias: entre a razão e a urgência social*, VV.AA.
- *Sexualidade e pastoral: aos párocos e agentes de pastoral*, VV.AA.
- *Ética teológica e discernimento: entre a razão e a educação solidária*, VV.AA.
- *Ternura: uma abordagem ético-teológica*, VV.AA.
- *Formação integral: por uma cultura do cuidado*,
Ronaldo Zacharias (org.)

Ronaldo Zacharias
(org.)

Formação integral por uma cultura do cuidado



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial	<i>Frei Darlei Zanon</i>
Gerente de <i>design</i>	<i>Danilo Alves Lima</i>
Coordenação de revisão	<i>Tiago José Risi Leme</i>
Preparação do original	<i>Caio Pereira</i>
Capa e diagramação	<i>Gustavo Gomes</i>
Imagem de capa	<i>iStock</i>
Impressão e acabamento	PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Zacharias, Ronaldo (org.)
Formação integral: por uma cultura do cuidado / Ronaldo Zacharias (org.). -
São Paulo : Paulus, 2023.
(Coleção Ministérios)

ISBN 978-85-349-5182-1

1. Igreja Católica - Clero – Formação I. Título II. Série

23-4162

CDD 253.2

Índice para catálogo sistemático:
1. Igreja Católica - Clero - Formação



Conheça o catálogo **PAULUS** acessando:
paulus.com.br/loja, ou pelo **QR Code** acima.
Teleendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel. (011) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5182-1

APRESENTAÇÃO

A crise de identidade e de credibilidade tem afetado tanto padres, religiosas e religiosos quanto a instituição eclesial como um todo. A falta de unidade está cada vez mais evidente. Impõem-se modelos de Igreja que insistem em não dialogar, e alastra-se uma espécie de “magistério paralelo” que prescinde das orientações do magistério oficial da Igreja e da tradição carismática de tantas ordens religiosas. Os escândalos sexuais, por sua vez, têm comprometido séculos de evangelização na Igreja, diminuído seu vigor profético e posto em xeque a coerência de vida daqueles(as) que abraçaram o celibato ou o voto de castidade como caminho de realização no amor. O que significa, nesse contexto, formar para a integridade da pessoa é um dos desafios mais urgentes.

Tal crise suscita a questão sobre o tipo de religiosos, religiosas e padres de que a Igreja precisa, hoje, para poder ser no mundo o que ela é chamada a ser: sinal e expressão do amor compassivo e misericordioso de Deus. A total doação de si a Deus e à missão é o que deveria caracterizar o perfil dos(as) vocacionados(as) e ministros ordenados e, inclusive, toda a ação pastoral da Igreja. Contudo, para que isso seja – de fato – realidade, é preciso combater um contexto que favorece a contemplação de si e o descaso em relação ao outro. Opor-se ao narcisismo e à indiferença é uma chamada de atenção constante que o próprio papa Francisco tem feito à Igreja e aos formadores e formadoras que se dedicam ao acompanhamento e ao discernimento vocacional. Aprofundar o que significa, hoje, a total doação de si e o significado de compromissos que se caracterizam pela definitividade é outro grande desafio no processo formativo.

Uma vida eminentemente ministerial exige que os(as) vocacionados(as) coloquem no centro da própria vida e do próprio ministério a pessoa do outro, sobretudo daquele que é mais vulnerável ou do que mais sofre por causa da condição na qual se encontra. Sair do centro requer fazer opções profundamente evangélicas: ter a coragem de ser o menor, o último; pôr-se de joelhos diante de quem sofre; morrer, se necessário for, para dar a vida. Como ressignificar a proposta formativa à luz das exigências do ministério é um desafio não menos importante do que os já mencionados.

Os ministros ordenados e os(as) consagrados(as) são o mais precioso dom da Igreja e de uma ordem religiosa. Não podem ser reduzidos a mera mão de obra ou peça necessária para que uma determinada engrenagem funcione. Assim como eles(as) cuidam de tantas pessoas, precisam ser cuidados(as). Cuidadores feridos que são, também eles(as) podem sentir o peso do cansaço, do desânimo, da frustração e ver esvanecerem o entusiasmo vocacional e o vigor apostólico. O aumento do número de suicídios no clero confirma essa realidade. O cuidado para com os cuidadores feridos é outro desafio urgente para as comunidades e autoridades eclesiais e provinciais.

Que passos precisam ser dados para que os desafios apontados sejam reconhecidos e assumidos constitui o objetivo principal desta obra. As autoras e os autores convidados para colaborar na reflexão estão comprometidos com o bem da Igreja e, por muitos anos, têm se dedicado à formação para a vida sacerdotal e consagrada como docentes e psicoterapeutas. São profissionais que têm a oportunidade de tocar com as mãos o coração de tantos(as) vocacionados(as), e, portanto, seus sonhos, expectativas, aspirações, frustrações, angústias e desalentos. Sabem que estão colaborando para a formação de pessoas chamadas a ser, para os outros, expressão do rosto terno e do coração

misericordioso de Deus, e que, exatamente por isso, não podem ser negligentes em sua missão. Com delicadeza, respeito e firmeza, eles apontam elementos que podem ajudar não apenas no processo de amadurecimento dos(as) vocacionados(as), mas também no processo de cura e libertação de tudo aquilo que contradiz o que os ministros consagrados e as pessoas consagradas são chamados a ser na Igreja e no mundo. As reflexões propostas por eles(as) são instigantes e merecem a devida consideração!

Ronaldo Zacharias

OS DESAFIOS DA INTEGRIDADE DA PESSOA NUM CONTEXTO DE CRISE DE IDENTIDADE E CREDIBILIDADE

Ricardo Hoepers¹

O evangelista Lucas narra que Jesus, estando na sinagoga, recebeu o livro do profeta Isaías para proclamar a leitura. Ao abri-lo, ele encontrou o lugar da seguinte passagem:

“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para anunciar o Evangelho aos pobres: enviou-me para proclamar a liberdade aos presos e, aos cegos, a visão; para pôr em liberdade os oprimidos e proclamar um ano do agrado do Senhor.” Depois fechou o livro, entregou-o ao ajudante e sentou-se. Os olhos de todos na sinagoga estavam fixos nele. Então, começou a dizer-lhes: “Hoje cumpriu-se esta palavra da Escritura que acabais de ouvir” (Lc 4,18-21).

Esse trecho é lido na missa do crisma, em que os presbíteros também renovam suas promessas sacerdotais. É na perspectiva da conexão entre fé e vida que podemos falar sobre integridade, identidade e credibilidade na missão que é confiada aos ministros ordenados e aos consagrados. Na reflexão que segue, utilizaremos o termo “vocacionados” para nos referir a todos os homens e mulheres que sentiram o chamado e respondem continuamente aos apelos de Deus.

¹ Ricardo Hoepers é doutor em Teologia Moral (Accademia Alfonsiana, Roma), bispo auxiliar da Arquidiocese de Brasília e secretário da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Se, de fato, vivemos uma mudança de época, de busca de sentido, de valores, de novos conhecimentos, somos também interpelados pela múltipla variedade de ressignificações que exigem uma tomada de consciência sobre nossa identidade de vocacionados. O papa Francisco fala em poliedro;² outros, em sociedade líquida ou sentimento oceânico;³ outros, ainda, em hiperculturalidade ou sociedade do cansaço;⁴ outros chamam simplesmente de globalização, com as devidas críticas ao que ela significa.⁵ O fato é que toda crise gera um desassossego,⁶ que pode comprometer as estruturas sociais e seus vínculos, mas, ao mesmo tempo, gerar novas perspectivas, novas tomadas de decisão e atitudes corajosas. Todo vocacionado é atingido diretamente por esse contexto, até porque a resposta ao chamado exige total imersão na vida do povo e nas suas culturas.

De todas essas perspectivas, parece que a visão do poliedro nos permite avançar, sem medo, diante dos pessimismos que prometem uma guerra de valores e contra-valores, dividindo o mundo em dois polos, e das pseudo-ecclesiologias que minam o caminho do Concílio Vaticano II e da Sinodalidade.

² FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2013, n. 236 (daqui em diante = EG).

³ Zygmunt Bauman (1925-2017), sociólogo e filósofo polonês, retrata bem a crise de valores e a mudança de época com o esvaziamento do sentido de muitas das referências que sedimentavam a sociedade. Essa análise está bem aprofundada na sua produção. Indico, especialmente: *Modernidade líquida* (2001) e *Amor líquido: sobre as fragilidades dos laços humanos* (2004).

⁴ Byung-Chul Han (1959-), filósofo e ensaísta sul-coreano, fala sobre a liberdade coercitiva e a sociedade do desempenho no livro *Sociedade do cansaço* (2017), bem como sobre *Hiperculturalidade, cultura e globalização* (2019).

⁵ Milton Santos (1926-2001), geógrafo brasileiro, faz uma análise crítica sobre a globalização e propõe um novo modo de integrar todos no processo de acesso aos recursos, especialmente em seu livro *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* (2000).

⁶ Boaventura de Souza Santos (1940-), economista e filósofo português, aprofunda as contradições da razão moderna e as fragilidades políticas e sociais no livro *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência* (2000).

Aqui, o modelo não é a esfera, pois não é superior às partes, e, nela, cada ponto é equidistante do centro, não havendo diferenças entre um ponto e o outro. O modelo é o poliedro, que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm sua originalidade. Tanto a ação pastoral como a ação política procuram reunir nesse poliedro o melhor de cada um. Ali entram os pobres com sua cultura, seus projetos e suas próprias potencialidades. Até mesmo as pessoas que possam ser criticadas por seus erros têm algo a oferecer que não se deve perder. É a união dos povos, que, na ordem universal, conservam a própria peculiaridade; é a totalidade das pessoas numa sociedade que procura um bem comum que verdadeiramente incorpore a todos.⁷

Na visão poliédrica, podemos encarar os processos de conflitos de interesse como oportunidades de amadurecimento e de tomada de consciência do que devemos escolher, priorizar e assumir como sentido para a vida.

O universal não deve ser o domínio homogêneo, uniforme e padronizado numa única forma cultural imperante, que perderá as cores do poliedro e ficará enfadonha. É a tentação manifestada na antiga narração da Torre de Babel: a construção daquela torre que chegasse até o céu não expressava a unidade entre vários povos capazes de se comunicar segundo a própria diversidade; antes, pelo contrário, foi uma tentativa, nascida do orgulho e da ambição humana, que visava criar uma unidade diferente da desejada por Deus em seu plano providencial para as nações (cf. Gn 11,1-11).⁸

⁷ EG 236.

⁸ FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti*. Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. Cidade do Vaticano: Tipografia Vaticana, 2020, n. 144 (daqui em diante = FT).

No poliedro, não há dois lados opostos, em constante conflito, mas uma busca incessante de exercício de perdão, reconciliação e misericórdia. Olhando para o texto bíblico citado, Jesus estava em sua terra, no meio dos seus e, mesmo assim, não se omitiu em trazer à tona valores que até então eram conhecidos, mas não vividos. No encontro do *saber* com o *fazer* está a ética vocacional, primeira experiência poliédrica de confronto consigo, com Deus, com a realidade que nos cerca e com o sentido que conecta tudo isso, isto é, com a verdade que integra o que somos com o que cremos, o que vivemos com aquilo que Deus espera de nós.

A segunda experiência vocacional poliédrica tem a ver com o confronto dessas verdades, num mundo plural, diferente e indiferente. Como compreender a vocação, o chamado, a missão a partir do plano de Deus e do seu projeto (leitura que Jesus fez do profeta Isaías) que confronta e desafia nosso *modus vivendi*? A credibilidade que sustenta nossa fé jamais poderá ser separada da credibilidade que sustenta nossas relações com o outro. Nesse sentido, a Igreja olha para si mesma e reconhece suas fraquezas e, nos percalços e quedas dos seus vocacionados, é chamada a rever seus métodos e corrigir seus caminhos. Quando os vocacionados se afastam da missão a eles confiada, é mais fácil que sejam vitimizados por ambições e desvios que ferem e maculam o corpo místico de Cristo. Por isso, Jesus cita, como essência de sua missão, a experiência de encontro com o outro: os pobres, os presos, os cegos, os oprimidos. Como diz o papa Francisco: “É o poliedro, onde ao mesmo tempo que cada um é respeitado no seu valor, ‘o todo é mais que a parte, sendo também mais que a simples soma delas’”.⁹

⁹ FT 145. Francisco cita, aqui, EG 235.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
Capítulo 1 – OS DESAFIOS DA INTEGRIDADE DA PESSOA NUM CONTEXTO DE CRISE DE IDENTIDADE E CREDIBILIDADE <i>Ricardo Hoepers</i>	9
Capítulo 2 – OS DESAFIOS DA INTEGRALIDADE DA DOAÇÃO NUM CONTEXTO DE NARCISISMO E INDIFERENÇA <i>Cássio Rodrigo de Oliveira</i>	35
Capítulo 3 – SAÚDE MENTAL E DIMENSÕES HUMANO-AFETIVA, INTELLECTUAL, ESPIRITUAL E PASTORAL DA FORMAÇÃO <i>William Cesar Castilho Pereira</i>	63
Capítulo 4 – A FORMAÇÃO INTEGRAL NUM CONTEXTO DE CRISE DE SENTIDO <i>Eliana Massih</i>	91
Capítulo 5 – A URGÊNCIA DO CUIDADO COM AS PESSOAS CONSAGRADAS E ORDENADAS NUM CONTEXTO DE FRAGILIDADES <i>Patrícia Ferreira da Costa</i>	109
Capítulo 6 – FORMAR PARA UMA VIDA EMINENTEMENTE MINISTERIAL <i>Rosana Manzini</i>	137
Capítulo 7 – CLERICALISMO E HIERARQUISMO: DUAS “PRAGAS” NA CONTRAMÃO DE UMA VIDA EMINENTEMENTE MINISTERIAL <i>Ronaldo Zacharias</i>	153
Capítulo 8 – A URGÊNCIA DO CUIDADO: REFLEXÕES SOBRE O ABUSO DE PODER E AUTORIDADE <i>Maria Inês de Castro Millen</i>	187
Capítulo 9 – AMAR COMO CUIDADORES FERIDOS: DA APARÊNCIA À FECUNDIDADE <i>Vânia Cristina de Oliveira</i>	211
Capítulo 10 – AMAR COMO CUIDADORES FERIDOS: DESAFIOS FORMATIVOS <i>Rubens Pedro Cabral</i>	227